

INDÍGENAS

ONG ajuda índios na luta pela sobrevivência

Os remanescentes dos tupis-guaranis estão na região de Peruíbe, conforme registros históricos locais e também nacionais, há nada menos do que três séculos

Luiz Gomes Otero

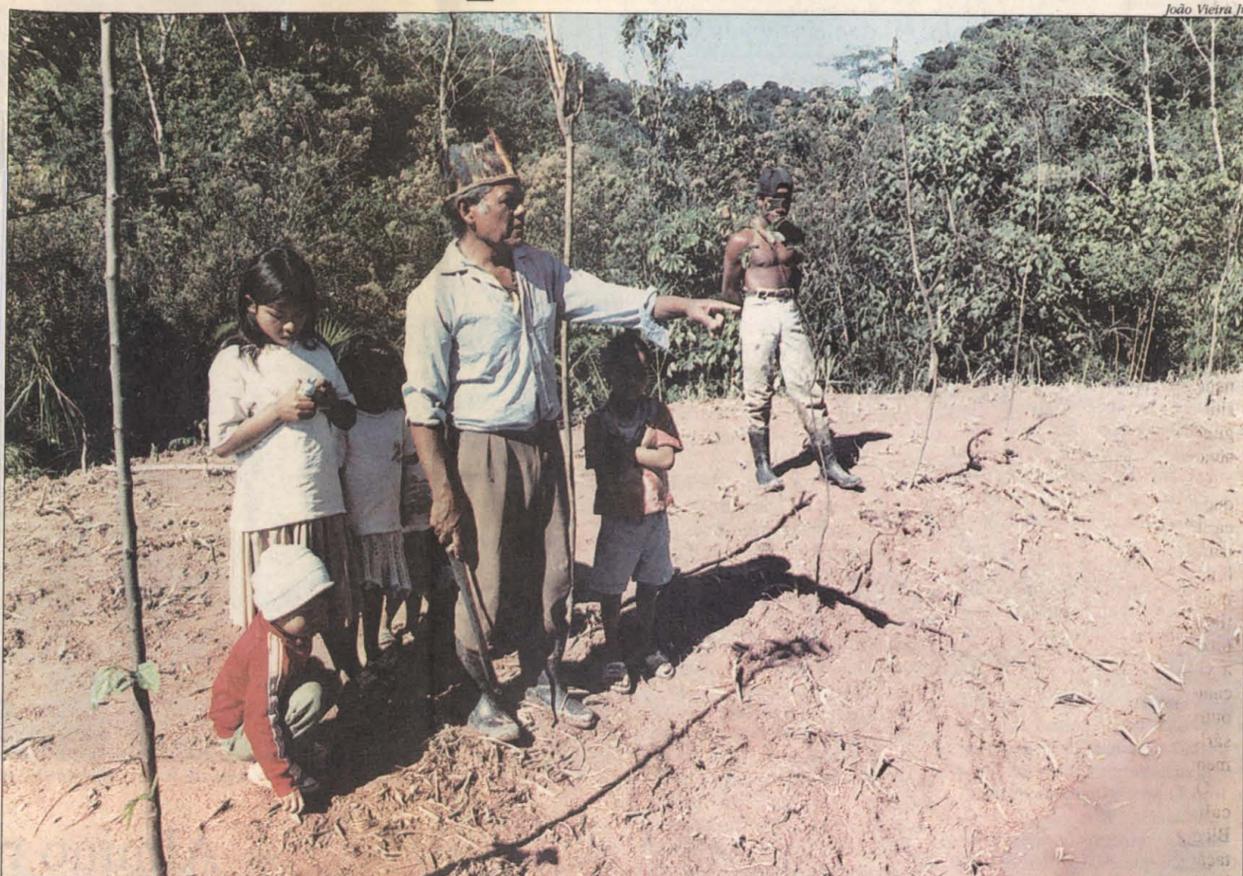
Da Sucursal de Itanhaém

Os índios da aldeia de Peruíbe, situada próxima à Estrada Armando Cunha, estão recebendo o apoio da Organização Não Governamental Guanhãnhã (ONG Guanhãnhã), para buscar meios de subsistência própria e orientação sobre educação ambiental, visando um controle mais efetivo do meio ambiente e um melhor aproveitamento dos recursos naturais do local.

Instalados na região da aldeia há mais de 300 anos, os índios são remanescentes da tribo tupi-guarani. Atualmente, vivem cerca de 29 famílias, totalizando aproximadamente 110 índios, dos quais 40 crianças. Um número considerado baixo, caso se leve em consideração que no local chegaram a viver 80 famílias, somando 400 índios, há alguns anos. Com a criação da Funai e a consequente demarcação das terras indígenas, a população tupi-guarani passou por um lento processo de abandono, ocasionado pela falta de recursos federais e pela posição de neutralidade dos governos estadual e municipal. Para o presidente da ONG Guanhãnhã, Wladislau Wiazowski, a

falta de uma ação efetiva por parte dos órgãos governamentais detonou um processo de extinção da raça. "Não foi realizado ao longo dos anos um trabalho de acompanhamento efetivo por parte dos governos na questão da saúde e preservação da cultura indígena. Eles simplesmente foram abandonados em seu pedaço de terra, sem apoio nenhum, pois a Funai, sozinha, não era capaz de suprir as carências existentes na aldeia", disse.

Wladislau considera a omissão dos governos estadual e municipal um fator preponderante no processo de abandono que a nação indígena sofreu. "Não é porque se trata de uma obrigação do governo federal, que o Estado e o Município vão ficar de braços cruzados. Por estarem mais próximos e conviver com o problema, a situação pelo menos deveria ser questionada junto à Funai, para se ver o que se pode fazer. Nós, da ONG, também não tínhamos obrigação direta, mas procuramos os responsáveis pela administração da reserva e sugerimos um trabalho voltado para a recuperação da aldeia e do meio ambiente que a cerca. Apontamos soluções", enfatizou.



Os silvícolas vivem da exploração do palmito, cuja reserva natural está se esgotando no que ainda resta da vegetação atlântica

Projeto era voltado para crianças

A ONG Guanhãnhã apresentou à Funai o Projeto Verde Didático, que havia sido aplicado em Praia Grande. Segundo o vice-presidente da ONG, Gilberto Winter, ele inicialmente era voltado para as crianças. A concepção básica então foi adaptada para as necessidades da população indígena.

A idéia fundamental do Verde Didático é despertar para a importância de se preservar o meio ambiente, através da transmissão de noções de Botânica e Zoologia, aliadas à educação ambiental, em sua parte prática, a partir da sementeação e até da conclusão dos plantios de hortaliças, arbustos floríferos e árvores em seus locais definitivos. Winter conta em que, em Praia Grande os alunos participantes chegaram a produzir 200 mil mudas de várias espécies. Para adaptá-las às necessidades da população indígena, foi acrescentado o trabalho de piscicultura para pesca artesanal, além do mini-horto para educação ambiental.

O plantio de palmito é frisado por Winter como o mais importante ponto do trabalho. "Este tipo de plantação sofreu uma grande baixa nos últimos anos. No caso dos índios, até se justifica por um aspecto de sobrevivência. Eles não tinha outro recurso e cortavam o palmito muito antes



A ONG procura dar noções técnicas de agricultura de subsistência aos indígenas de Peruíbe

do tempo certo", argumentou. A retirada indevida causou distúrbios no ecossistema natural da região, provocados pelas queimadas realizadas após a colheita do palmito. "Não só os índios, mas os moradores que exploram clandestinamente o palmito tinham

este hábito, de praticar a queimada. E ainda o mantêm", explicou. O palmito que será cultivado pelos índios é o tipo pupunha, que leva até 4 anos para se formar, enquanto o tipo normal leva 8 anos.

A educação ambiental tem um ponto interessante no apro-

veitamento do lixo deixado pelos turistas. "Nós criamos instrumentos de apoio para auxiliar na preservação da natureza. Garrafas de plástico de refrigerantes viram recipientes de plantas, floreiras e outros tipos de vegetais", disse Winter.

Cobrada participação do Governo

A principal queixa da ONG Guanhãnhã é falta de uma participação efetiva dos governos para colaborar no projeto. Para a direção da ONG, a inexistência de interesse por parte dos governantes diminui as chances de êxito a curto prazo.

Recentemente, três membros da ONG doaram para a aldeia um tanque para criação de peixes, visando assim começar os trabalhos de piscicultura com os índios. "O tanque foi comprado por mim, pelo presidente Wladislau e pelo sócio da ONG Edward Gutierrez. Ainda é pouco, perto do que pretendemos", explicou Winter. Segundo ele, a intenção é patrocinar um tanque para cada família da aldeia e com isso proporcionar condições melhores de vida. Mas, para que isso se concretize, faltam recursos. "Só a determinação de algumas pessoas é insuficiente para levarmos isso adiante. Precisamos de uma ajuda, seja da ini-

ciativa privada ou governamental, para conseguirmos atingir inclusive as outras aldeias da região", declarou Winter.

O cacique da aldeia de Peruíbe, João Gomes, afirma que a Funai está sem condições de atender e solucionar todos os problemas. "Este exemplo da ONG deveria ser seguido por outras entidades. Ao invés de se alegar falta de recursos, busca-se soluções realizáveis", disse. O cacique defende a idéia da criação de órgãos estaduais e municipais que tratem da questão do índio. "Só a Funai é pouco. Ela atende o Brasil inteiro e está sem recursos. Precisamos de ajuda local", enfatizou.

O presidente Wladislau Wiazowski disse que a ONG possui uma Estação Ecológica, situada próxima à Estrada Armando Cunha, em Peruíbe, com o objetivo de preservar a mata atlântica local, além de botar em prática ações referentes à

educação ambiental. "Temos alunos da região ou de escolas públicas que vêm até a estação e recebem os ensinamentos do projeto, buscando a conscientização ecológica e a praticando", falou. A infra-estrutura atual permite abrigar 100 alunos por dia, com acesso a tanques para piscicultura.

A ONG, segundo o presidente, tem por meta a execução de idéias de preservação do meio ambiente. "Não somos de ficar protestando ou denunciando condições irregulares ou nocivas à natureza. Apenas tentamos solucionar os problemas, agindo efetivamente", explicou. Para se obter maiores informações sobre o funcionamento das aulas e um futuro agendamento, deve-se ligar para o telefone (013) 972-9001, ou escrever para ONG Guanhãnhã, no endereço Estrada Armando Cunha, Km 5, Caixa Postal 192.